



rosa luxemburgo

crise e revolução

Rosa Rosa Gomes

Sumário

PREFÁCIO – <i>Lincoln Secco</i>	13
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1. ENTRE A MONARQUIA CONSTITUCIONAL E A REVOLUÇÃO	25
O Partido Social-Democrata Alemão (SPD)	41
Reforma Social ou Revolução?	54
CAPÍTULO 2. O OBJETIVO FINAL: MASSA ELEITORAL <i>VERSUS</i> HEGEMONIA IDEOLÓGICA	81
Congresso de Stuttgart, 1898.	83
Panorama Econômico e Sociopolítico – Artigos Econômicos entre 1898 e 1899.	90
Congresso de Hannover, 1899.	93
Congresso de Mainz, 1900	103
Congresso de Dresden, 1903	108
Congresso de Jena, 1905	113
Greve de Massas, Partido e Sindicatos – A Revolução Russa de 1905	124
Congresso de Mannheim, 1906	128
Congresso de Essen, 1907	135
Congresso de Jena, 1911.	142
Congresso de Chemnitz, 1912.	149

O Prólogo do Colapso	154
CAPÍTULO 3. ECONOMIA DA REVOLUÇÃO	159
<i>A Acumulação do Capital: Uma Magnum Opus</i>	163
A Acumulação: O Problema	166
A História do Problema	182
O Problema na História	197
Glosas sobre <i>A Acumulação</i>	213
CAPÍTULO 4. A RECEPÇÃO DA OBRA DE ROSA LUXEMBURGO	225
A Anticrítica de Luxemburgo	248
CONSIDERAÇÕES FINAIS	259
ANEXO	269
RESOLUÇÕES	271
Congresso de Hannover, 1899	271
Congresso de Mainz, 1900	273
Congresso de Dresden, 1903	277
Congresso de Jena, 1905	279
Congresso de Mannheim, 1906	281
Congresso de Jena, 1911	283
Congresso de Chemnitz, 1912	284
Manuscrito de Rosa Luxemburgo	286
GLOSSÁRIO DE NOMES	289
BIBLIOGRAFIA	303
AGRADECIMENTOS	313
ÍNDICE REMISSIVO	315

Prefácio

Lincoln Secco

A teoria da acumulação de Rosa Luxemburgo e a sua análise política foram consideradas pelos seus críticos em separado, como se ambas estivessem desvinculadas. A Economia seria sua vã tentativa de explicar o colapso do capitalismo pelo subconsumo ou pela incapacidade do sistema capitalista de gerar mercado para sua própria produção. Já a sua virtude estaria em seu exemplo pessoal como revolucionária.

A historiadora Rosa Rosa Gomes não se limita a estudar os escritos políticos como a única contribuição original de Rosa Luxemburgo. Ela se volta à totalidade e à relação entre as tendências imanentes do capital e sua forma de aparência externa na história política.

Para isso, a autora refaz a ligação do que estava separado. Ela busca através de um estudo inédito de fontes primárias alemãs relacionar as discussões nos Congressos do Partido Social-democrata Alemão (SPD) com a elaboração do pensamento econômico de Rosa Luxemburgo.

Se apenas a pesquisa empírica tivesse sido realizada, a leitora e o leitor já teriam em mãos uma contribuição inédita. A autora pesquisou inúmeras fontes em arquivos alemães. Leu manuscritos de Rosa Luxemburgo e as atas dos congressos do SPD, além de ampla literatura sobre a história política e econômica.

Acompanham este livro a tradução das resoluções dos congressos do SPD, diversas tabelas e gráficos sobre as finanças do partido, número de filiados e

orçamento. Essa contribuição da historiadora permite deslocar o debate sobre a II Internacional, que reunia os maiores partidos socialistas do período 1889-1914, do patamar estritamente teórico para o seu real lugar: a História. Só ela nos permite explicar por que um estamento burocrático de lideranças médias no SPD serviu de base às leituras reformistas.

Os teóricos sociais-democratas viviam a atmosfera intelectual dominada pela concepção evolucionista da História, fundamentada na ideia de progresso e no positivismo. Mas é preciso entender por que o movimento operário compartilhou com outras filosofias uma *forma mentis* comum. Quando Eduard Bernstein lançou suas proposições revisionistas, os seus adversários eram os chamados ortodoxos, liderados por Karl Kautsky. O próprio Lenin postou-se ao lado dos ortodoxos. No entanto, erraríamos se procurássemos apenas nessa falsa dicotomia a opção revolucionária.

Como se sabe, mais tarde Bernstein, Kautsky e os reformistas terminaram sua trajetória política juntos, enquanto Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht morreram pela Revolução Alemã em janeiro de 1919. Não há simples acaso nesses destinos históricos. Entre ortodoxos e revisionistas havia um acordo de fundo: a de que a disputa entre Reforma e Revolução em nada afetava a prática realmente existente do partido. A prática não era o critério da teoria. Esta cumpria o papel de uma ideologia que justificava a situação material do partido e dos seus quadros, como este livro revela.

Eduard Bernstein dizia explicitamente que não haveria uma queda tendencial da taxa de lucro e nem uma pauperização da classe trabalhadora como se afirmava no *Manifesto Comunista*. Os salários cresciam e a emergência de uma nova classe média refutava a ideia marxista da simplificação de uma sociedade cada vez mais polarizada entre a classe operária e a burguesia. Se o sistema não caminhava para o *Zusammenbruch* (quebra conjunta do capitalismo) os socialistas deveriam se contentar em reformá-lo e abandonar sua finalidade revolucionária.

Os ortodoxos se agarravam à inevitabilidade de uma evolução da sociedade capitalista na direção do socialismo, mas se isso era verdade então seria necessário provar o colapso inevitável daquela sociedade. Esse passo jamais seria dado pelos ortodoxos que eram tão reformistas como Bernstein e, de certo ponto de vista, mais imobilistas e menos criativos do que ele.

Foi Rosa Luxemburgo quem descobriu o núcleo da ideologia revisionista. Anti-determinista já em sua obra *A Acumulação do Capital*, segundo demons-

trou Rosa Rosa Gomes, ela não vinculou a tendência imanente ao colapso econômico com a inevitabilidade do socialismo. Sendo assim, não se pode compreender inteiramente seus escritos políticos e sua prática revolucionária pós-1913 sem a leitura de sua obra máxima supracitada.

Rosa Luxemburgo formulou o seguinte problema: pode o capital continuar a reproduzir-se eternamente em seu próprio meio, mesmo esgotando os seus mercados? Afinal, ele gera superprodução e diminuição de trabalhadores empregados em relação ao que é produzido. Ou seja, os salários podem subir, mas sempre relativamente menos do que o aumento do capital. Portanto, quem compra o capital acrescido?

Dizia-se que os capitalistas acumulariam máquinas e matérias-primas indefinidamente além da capacidade do mercado. Para acumular, os empresários precisam investir em bens de capital (Departamento I) em detrimento da produção de bens de consumo (Departamento II). Como a demanda por máquinas e matérias-primas é derivada da demanda de bens de consumo, há uma contradição.

Uma saída para os capitalistas é manter os salários num nível baixo o suficiente para aumentar sua taxa de lucro e importar matérias-primas baratas de áreas “externas”. Assim, são os trabalhadores de áreas não capitalistas que constituirão o terreno da realização da mais-valia. O imperialismo, portanto, é uma política derivada de uma necessidade imanente do capital.

O mais importante é que o “interno” e o “externo” em Rosa Luxemburgo são uma distinção “didática”. As áreas “externas” são um elemento indissociável da reprodução do capital em escala mundial. Não existe capitalismo em um só país.

Para a autora, a acumulação “primitiva” só pode acontecer porque é analisada como uma totalidade, em um “palco mundial”.

Se se retira de Rosa Luxemburgo a necessidade de fronteiras não capitalistas (algumas não são espaciais, como os gastos militaristas do Estado), o que sobraria dela? E aí reside a operação de mitificá-la como a mártir do socialismo alemão e esquecer a mulher real e polêmica, com seus erros e acertos. Como se faria com qualquer teórico do sexo masculino.

Por isso, não passa despercebido para Rosa Rosa Gomes o quanto a ousadia de Rosa Luxemburgo em não se limitar às discussões feministas do partido, adentrando o debate teórico “masculino”, contribuiu para a marginalização de

seu pensamento econômico. O livro *A Acumulação de Capital* é de 1913. Alguns anos depois saíram os de Bukhárin (1916) e Lenin (1917) sobre o mesmo tema, mas nenhum dos dois polemiza com ela. Aquela obra só foi seriamente debatida depois de sua morte por Fritz Sternberg e Henryk Grossman.

A autora nos mostra que as resenhas do livro *A Acumulação de Capital* foram quase todas negativas, com exceção de alguns expoentes da extrema esquerda do SPD. Mas mesmo um homem desta corrente como Anton Pannekoek escreveu uma crítica que foi lida e aprovada por Lenin. A carta deste é modelar a respeito disso. Lenin dizia estar feliz porque Pannekoek tinha chegado à mesma conclusão que ele: a realização da mais-valia é possível em uma sociedade puramente capitalista. Mas acrescenta que “todavia, eu não li o livro de Rosa Luxemburgo”.

A contradição teorizada por Rosa Luxemburgo só pode ser resolvida pela Revolução. Não significa que será. Rosa Rosa Gomes escreveu um livro que combina análise científica e engajamento socialista. Assim, oferece sua contribuição tanto aos pesquisadores acadêmicos quanto aos que militam contra a barbárie.